



G/R/R.

000915

CODIA

Ministerio da Guerra
Inspeção Especial de Fronteiras

Diario de Serviço de Inspeção da 2ª Turma ao
Vale de Rio Uaçá - 1936

OUTUBRO 2 - Depois de preparada um batelão contratado com a firma Jacintho dos Santos & Cia. de S. Raymundo, com o pessoal necessario aos diversos misteres, mantimentos e aparelhagem de serviço, deixei o porto de Clevelandia ás 9 horas, na maré de refluxo, em direção ao baio de Oiapóc. O batelão, impulsionado por um motegedyle de 5 cavalos, ia carregado com mais de uma tonelada, sendo 200 quilos de mantimentos para 20 dias de jornada, 600 quilos de aparelhos, e meter com 20 caixas de gazolina e oito pessoas com a media de 560 quilos. Determinei a marcha do batelão nessa maré, até a proxima parte de St. Antonio, que dista 13 quilometros abaixo de Clevelandia, em 13 quilometros por hora. Anteriormente já tinha medido a marcha na maré contraria, fluxo, em 80 minutos para essa mesma distancia, e que reduz a velocidade a 9,750 metros por hora. Com esses fateres podia eu ir tomando os rumos da viagem e marcando no chronometro os respectivos tempos, referidos ao fluxo e refluxo das marés. Os rumos eram tomados na bussola portatil C a se-la e os tempos ao chronometro, digo, ao chronografo. Passei por St. Antonio ás 10 horas onde parei para almoço e parti ás 12,30. No porto de S. Raimundo detive-me alguns minutos, deixando as informações para completar na volta com mais sobra de tempo. Daí para baixo o Oiapóc alarga-se e, com as rajadas de vento, as aguas encrespadas nos molhavam a roupa, isso no longo percurso até Ponta dos Indios ou Demonty, onde chegamos ás 15,30. A maré não permitia então vantagens para proseguirmos, por ser muito rasa a Ponta do Mosquito na boca do Uaçá. Pousamos então em Demonty, na repartição aduaneira, tendo sido hospedados pelo fiscal aduaneiro, Sr. Manoel Fonseca da Cunha.

Nesse tempo visitei a agencia do correio, a escola publica, o posto sanitario do Estado e tomei algumas informações concernentes á minha missão ao Uaçá. Encontrei residindo aí Sr. Abelardo Botelho do Nascimento, professor da escola do Uaçá, - por conta do Estado do Pará. Sabendo da minha viagem de inspeção áquela região, pediu-me passagem no batelão para ali chegar comigo, o que me foi razoavel - sendo ele quem melhor se podia dizer sobre os indios "Gallibis". Todas as pessoas que vi sofriam do paludismo endemico no Oiapóc. Demonty não é mais nem menos doentio que os outros lugares, havendo alguns recursos locais: o gado que vi pastando nos logradouros da povoação - apresentava bom aspecto, apesar da grande seca que assola esta zona neste mez. O porto de Demonty é ponto de passagem obrigatoria de todos os barcos que transitam pelos mares do norte em direção á Cayena para a respectiva fiscalisação aduaneira. A ponte de desembarque necessita alguns concertos, estando porém em boas condições.

Os indios de Uaçá, costumam vir aí vender seus produtos e comprar no armazem local do Coronel Zacarias o que precisam, com o produto do que venderam. Costumam vender peixe seco ao sól, pirarucú, traca-jás, ovos de traca-jás, passaros, taboas de "louro bordage" peles, farinha, (Quak) e outras coisas.

Outubro 3 - Parti de Demonty ás 5,45, em maré montante, contraria á nossa marcha, mas convinha atingir na preamar o promontorio que divide o Oiapóc do Uaçá, conhecido por Ponta do Mosquito, á 4 horas de marcha de Demonty, por ser essa ponta um banco raso na extensão de mais de tres mil metros. Na vasante todo esse raso fica á descoberto, ha-



000916

-2-

vendo perigo para as embarcações de ficarem encalhadas e sujeitas às marretas de alto mar que acabam por destruí-las. Ainda mais esses bancos são atoladigos, não havendo possibilidades de se tomar pé em caso de desembarque. Paramos às 7,38 por ter havido um incidente na parte do leme do motor. Estávamos passando pela única moradia dessa parte do Oiapóç, a fazenda do Mosquito do Sr. João Soares Leal, que aí cria algumas cabeças de gado. Toda a margem é alagada e lamacenta, da Ponta do Mosquito até aí, sendo daí para cima mais firme em alguns trechos cobertos de palmares e taquaraes; a parte interior porém continua sempre alagada.

Até a Ponta do Mosquito a vegetação é de "mangaes", arvores cujas raízes se elevam a dois metros do sólo na baixa mar e multiplicam-se em rampos adventícios numerosos, impossibilitando o transito pelas margens. As 9 horas chegamos ao extremo dessa Ponta, maré baixando, e aproveitamos a água ainda alta para rodea-la afim de entrarmos no Uaçá. O nordeste começava a soprar provocando fortes marretas de encontro à margem esquerda do Uaçá que começávamos a navegar. O piloto viu que não podia resistir ao embate e ordenou o rumo da outra margem, mais protegida pela extrema ribanceira de mangaes. O rio vem no rumo de 170º tendo nós, depois de 40 minutos de marcha (3,600 metros), atingido a margem direita, proseguindo daí em diante em águas mais tranquilas, embora maior o calor pela ausencia de brisas nesse lado. As 11,50 paramos para almoçar e porque estávamos com desvantagens de marcha na maré de refluxo. Por ser impossível pôr os pés em terra, devido ao lamaçal das margens do Uaçá, fizemos nossa refeição no batelão, bebendo água de reserva que trazíamos. Não nos foi possível filtrar a água do Uaçá pela enorme percentagem de terras que contem cerca de 30% de barro. Quanto ao abrigo dispunhamos da sombra de um mangal mais inclinado que os demais, cobrindo apenas a metade do nosso barco. O sol inundava tudo no seu aprumo do meio dia e a parede de mangal barrava qualquer brisa. Passava por nós uma canoa de índios "Urucauís" carregada de peixe seco em direção à Demonty. Tive que lhes falar em francez por não entender em nossa língua. As 13,10 largamos desse pouso devido ao grande calor continuando a viagem pela mesma margem. As 16 horas veio a maré montante, formando a 300 metros adiante de nós, uma pororóca, o que observamos pelo crescimento das águas formando ondulações em marcha rio acima, ondas que ao se aproximarem das margens quebravam-se ruidosamente e varriam as ribanceiras de raízes do mangal. Mas aí parou o nosso motor, com qualquer irregularidade na macuina. Sómente às 17 horas o motor começou a funcionar bem, permitindo-me acompanhar a maré favorável, as águas ainda agitadas pela pororóca. As 18 horas chegamos ao ponto onde o Uaçá recebe o Rio Curipi pela sua margem esquerda, conhecido por "Encruso", unico local onde existe uma terra mais firme no promontorio que divide as duas águas. A barranca tem quatro metros de altura na vasante, a água chegando até o topo na preamar. Uma ponte já em ruínas dá acesso ao local, onde existe uma "barraca" pertencente ao Sr. João Antonio Leal que aí viveu até que o paludismo não o deixou mais se mover. A moradia, ainda em boas condições, construída de madeira e paxiuba, está ao abandono. o logradouro coberto de arbusto onde as canaranas e o mata-pasto asfixiam as laranjeiras, limoeiros, genipapeiros, coqueiros e outras plantas necessárias á vida. O pobre homem que tem nove filhas moças, duas delas sendo professoras dos índios no Curipi e no Urucauá, mudou-se depois para o Mosquito no Oiapóç. A nossa chegada foi festejada por uma rajada de anofélex fainotos. Por imprevidencia do piloto não trouxemos água potavel para o uso da cozinha, resultando que não se pode preparar um alimento qualquer. Armadas as redes e mosquiteiros aí pousamos bem fatigados pelo sol da jornada. Providenciamos porém para encher as latas vazias com água barrenta do rio afim de que, no dia seguinte, assentando o residuo, podesse ser a água decantada bem empregada para preparar o nosso café.

OUTUBRO 4 - RIO CURUPI - Podia continuar subindo o Uaçá de que já tínhamos percorrido 40 quilômetros, distancia da boca ao Encruso, mas preferi subir o rio Curipi em visita aos índios "Caricunas" pois tive informações de serem esses índios os mais adiantados da região. Assim levantamos o pouso às 7,20 e entramos no Curipi em rumo de 240º, maré favorável, rio largo, nessa parte 25 metros. As margens lamacentas, muradas de aningas altas de tres metros; assatys, taquaraes e alguns buri-



0009171 482 - 7-

...tis, curso sinuoso, águas barrentas. Uma hora depois encontramos os primeiros tijuco flutuantes, camalotes, perturbando a marcha do nosso motor, sendo preciso recorrer á zanga e ao remo. As 10 horas avistávamos ao fundo terra alta, descobrindo-se mais as margens por onde se via descampados baixos, que na época das chuvas alagam formando enormes lençóis d'água. Já vimos as queimadas que fazem os índios nos terrenos mais secos para suas plantações e adiante o morro do Taminã onde estão aldeados os índios do rio Curipi. Toda a região do Uacá apresenta o aspecto de uma planície vastíssima, de onde emergem alguns montes cobertos de matas e que os caboclos chamam "ilhas". A esses campos que alagam na época das chuvas chamam "Savanas". O terreno é muito atoladiço e só pôde ser atravessado a pé em época seca, procurando-se pisar nas touceiras de canarana rasteira ou casim membéca. Nas chuvas, ou no inverno, sómente em canoas é possível o transito entre as "ilhas". Estas são cobertas de mato alto, com boas madeiras e terras férteis com muita caça e refugio de onças e outros animais indesejáveis. Informaram-me que um certo comissario de policia do Oiapóç desterrou dois deportados vindos de Belém para uma dessas "ilhas" do Uacá e que os desgraçados lá foram devorados pelas onças, tendo-se encontrado tempos depois as ossadas deles espalhadas á beira dos bosques. As 11,10 o nosso batelão amarrava no porto dos Caripunas onde havia uma meia duzia de canoas dos índios. Al já nos esperavam alguns Caripunas e toda a população já estava alerta, pelo ruído que fazia o nosso motor durante meia hora de travessia pelo vale do Curipi ao aproximar-se do porto. Deante de nós se erguia o monte Taminã á distancia de 300 metros do rio. Não tem mais que 50 metros de altura esse morro, sua extensão vai a 4 quilômetros; adiante existe mais uma savana e depois outros elevados de menor importancia. Quanto mais se sobe o rio mais se multiplicam as "ilhas", até que a terra vai se elevando para constituir o massiço do Lombard coberto de matas cerradas. No porto o Curipi tem apenas 10 metros de largura. Até o sopé do Taminã onde está o povoado, os índios estenderam troncos de buritis para permitir o transito sem pisar-se no atoladiço. O campo é coberto de capim membéca, canarana róxa, sororócas e aningas. Mandei descarregar o batelão sendo a carga conduzida para a aldeia, depois de ter percorrido os 300 metros de distancia, equilibrando-se por cima dos troncos de buritis, até chegar á casa do major João Fortes, o chefe dos caripunas. Na parte alta do Taminã, cerca de 20 metros acima do campo raso, está situada a Vila do Espirito Santo do rio Curppi, uma fileira de casinhas abertas, cobertas de palha, vãos de madeira lavrada e todas com um girau onde dormem os moradores. A casa do major muito ampla, assalhada de "bordage", bem coberta e limpa, ofereceu-me ótí-timo rancho de hospedagem. Todas as casinhas se escondem em nua luxurriante vegetação de laranjeiras, bahaneiras, faveiritas, cajueiros, contribuindo para sombrear o longradouro, tornando-o agradável nas horas quentes do dia. Há ali laranjeiras que produzem por ano quatro mil frutos cada arvore; e fui informado que não existiam ali fornigas saúvas, o flagelo do Oiapóç. Conforme a ordem de serviço que me fôra dada em 28 de Agosto para os objetivos da Inspeção ao Oiapóç, cumpria-me estudar o item n. 6: "Possibilidades de nucleação dos índios do vale Uacá numa povoação unica e o aproveitamento deles, como guardas de fronteiras, mediante uma educação apropriada." Para isso iniciei o contacto com os Caripunas, os mais adiantados da região, observando-os e inquirindo-os. Obsequiei-os com um pouco de fumo que trouxe e alguns biscoitos, notando que os caripunas, embora vestidos, aseados, desembaraçados no trato conosco, são ainda "índios", pela inexperiencia que tem da nossa civilização e pela ingenuidade natural devida á sua educação. Entre eles vive um nordestino, o Sr. Arsenio Pimentel Filho, casado legalmente com a caripuna Maria Carneirinha Fortes tendo dois filhos menores, habitando dois bons ranchos no flanco direito do povoado. Este nordestino, cuja fotografia tomei, é um esforçado preceptor dos caripunas, pelo exemplo de trabalho, de honestidade no viver e de correção no trato dos negocios dos índios, ensinando-lhes a agricultura comum e as trocas comerciais do mercado e além de tudo, não permitindo que eles falem outra lingua senão a nossa. Assim é que a maioria dos Caripunas fala bem portuguez, vivem eles na sua vila perfeitamente unidos, em boa harmonia e prosperidade, pois todos sabem trabalhar nas suas roças, sendo a terra fértil e os rios piscosos. Iniciei então o meu interrogatorio: Diz Arsenio Pimentel Filho, natural do Rio Grande do Norte, 49 anos e idade, casado com a caripuna Maria Carnei-



0009181 455 -4-

rita Fortes, filha do chefe dos caripunes, tendo dois filhos menores. Cu- os índios caripunas, com quem vive há 20 anos desde 1915, conhece-os bem a fundo desde quando veio para o local da aldeia onde tem sua casa, vivendo da agricultura e criando ovelhas, porcos, galinhas, não tendo ainda gado por causa do alagado das savanas. Cultiva algum café e vende por ano 50 alqueires de farinha no Olapó. Que hospeda a professora da vila, que está satisfeita na sua casa pela boa companhia, conservando ainda no alojamento crianças de outros paes que moram longe e que precisam frequentar a escola. Que os índios não desejam, de modo algum, sair do Tamim, por isso que a terra não tem for- migas e pôde produzir tudo o que se plantar. Que a região tem outras ilhas além do Tamim e que todas são igualmente boas de lavoura. E que a pesca é facil e propria para o tucunaré que vem no comeco de ver- ão, sendo esse peixe o mais procurado no mercado, bem como abundancia, de piranhas, que os índios preferem como alimentação. Que por isso seria impossivel qualquer mudança de vida e dos habitos dos índios. Que nada consta a respeito de recrutamento de índios por parte das au- toridades gyanenses para o serviço militar de Cayenna, sabendo entretan- to que dois índios da tribu caripunas do rio Urucauí foram negados lá para o serviço, mas que esses tinham lá o registro de nascimento. Conhece as irmãs deles e que a familia dos mesmos vivia ora cá ora lá e que por terem os rapazes nascido lá os francezes os sortearam na idade propria, mas um foi considerado incapaz para o serviço por sofrer de molestia. - chama-se este Ivo Labonté que viveu tambem no Curipi e nas- cera no Cumacumá da Guyana Franceza. E que sabe que da Guyana não vem ninguém a procura de índios e nem mesmo os chamam para trabalhar em ga- rrimpos. Que alguns paricúras foram voluntariamente para os garimpos pois são índios nomades e aventureiros.

Inquirido Manoel Primo, caripuna, meio sangue de paes francez e mãe caripuna, 23 anos de idade, inteligente e bem apessoado, diz: que vive maritalmente com uma mulher por não ter tido ainda dinheiro para preparar os papéis de casamento e outras despesas. Confirmou as de- clarações do Sr. Arsenio em tudo. Perguntado se gostaria de ser guar- da de fronteira, instruir-se na carreira de soldado e prestar serviço militar, disse não desejar nada disso e nenhuma inclinação para esse mistér. Inquiri mais os caripunas Raymundo Fortes, Fernando Anicá e outros sobre o serviço de guardas, responderam não desejarem fazer esse serviço, nenhuma inclinação para o serviço militar de que todos tem me- do. Inquirido o Snr. Amandio Manoel Martins, natural de Maranhão, 52 anos de idade e que vive maritalmente com uma caripuna há cinco anos, re- sidindo na vila há sete anos. Que trabalha em roças, tem dois filhos menores, vende a farinha que produz, cerca de 40 alqueires por ano. Diz que a terra é boa, os índios são amigaveis e confirma o que já foi dito pelo Sr. Arsenio a respeito dos índios, que é impossivel organizar um nucleo onde eles estejam com outros de tribu diferente e que dali não sairiam para nenhuma outra parte. Que tem um retiro onde plantou de tudo e que vai melhorando de sorte nesse logar.

O chefe das caripunas major João Fortes, parecendo ter 55 anos serio taciturno e reservado, nada adiantou sobre os meus objetivos, mes- mo porque é velho e não se exprime bem em nosso idioma. Além desta co- cique ha outro de nome Capitão Julio Gomes, - mesma idade e mais comuni- cativo. Esses postos foram dados como patentes aos índios por um ex- funcionario do W. do Trabalho de nome Eurico Fernandes de quem colhi não boas informações de sua atuação entre as po ulações do Pará. Em seguida passei a visitar as moradias locais tendo organizado esta es- tatísticas:

FAMILIAS CARIPUNAS VIVENDO EM CASA PROPRIA. TAMIMÁ

1 - Caripuna - Oliveira	- -----	- 2 filhos
2 - " - Rogerio	- mulher	- 3 menores
3 - " - Camilo Gomes	- mulher	- 2 menores
4 - " - Velho Ambrosio	- 2 roças	- 1 maior e 1 men
5 - " - Quintino	- mulher	- " nor
6 - " - Manoel Duca	- "	- 1 maior/1 menor
7 - " - Alidio Felipe	- "	- " -
8 - " - Mauricio	- "	- " -
9 - " - Felicio	- "	- 3 menores



00091976 -5-

10	- Caripuna	- Hermano	- mulher	- 1 maior/1 menor
11	- Paricurá	- Afonso Japará	- "	- 1 menor
12	- Caripurá	- Cap. Julio Gomes	- "	- 1 moço
13	- "	- Alfredo Soares	- "	- 2 menores
14	- "	- Jean Ville	- "	- 1 menor
15	- "	- José Felipe	- "	- "
16	- "	- Henrique Felipe	- "	- 1 menor
17	- "	- Cassiano Blau	- "	- 2 menores
18	- "	- Afonso Pirron	- "	- "
19	- "	- Manoel Primo	- mulher	- 1 maior/1 menor
20	- "	- Antonio	- "	- "
21	- Galibi	- Alexandre Antonio	- "	- 3 menores
22	- Caripuna	- Pedro Casila	- "	- 2 menores
23	- "	- Marcel Narcise	- "	- 2 menores
24	- "	- Eugenio e Abelardo Fortes	- "	- 5 menores
<hr/>				
25	{ Caripuna	- Major João Fortes	- mulher	- 1 viúva 7 menores
	{ "	- Francisco Fortes	- "	- 1 menor
	{ "	- Henrique Fortes	- "	- "
	{ "	- Augusto Fortes	- "	- "
<hr/>				
26	- Caripuna	- Galdino Santos	- mulher	- 2 menores
27	- "	- Faustino Bijó	- "	- 13 menores
28	- "	- Julio Anicá	- "	- 3 menores
29	- "	- João Anicá	- "	- 4 menores
30	- "	- Eulio Anicá	- "	- 2 menores
31	- "	- Leonel Julio	- "	- 2 menores
32	- "	- Polycarpo José dos Santos	- mulher	- 4 menores
33	- "	- Camilo Fortes	- mulher	- 3 menores
34	{ Caripuna	- Pedro Batista	- mulher	- 3 menores
	{ Galibi	- José Serrenica	- sua mãe	- "
<hr/>				
35	- Caripuna	- Raymundo Pinto	- mulher	- 2 menores
36	- Civil	- Antonio Pimentel Filho	- mulher	- 13 menores
37	- Civil	- Manoel Manoel Martins	- mulher	- 2 menores
38	- Civil	- Manoel João	- mulher	- 1 menor
39	- Civil	- Alfredo Soares	- mulher	- 1 menor

FAMILIAS DO MONTE CARIPURÁ - margem esquerda

40	- Caripuna	- Alexandre dos Santos	- mulher	- 3 menores
41	- "	- Martinho dos Santos	- mulher	- "
42	- "	- (Tangará) Afonso Batista	- mulher	- "
43	- "	- Coló (Manoel Ant. Santos)	- mulher	- 2 menores
44	- "	- Francisca dos Santos	- viúva	- 2 menores
45	- Civil	- Antonio Pinheiro	- mulher	- 2 menores
46	- Civil	- Manoel Sacatoco	- "	- 2 menores
47	- Civil	- Manoel Dutra	- mulher	- 4 menores
48	- Civil	- Agostinho Batista	- mulher	- 2 menores

Total 200 almas.

O monte Caripurá é outra "ilha" situada na margem esquerda do rio Cripurá em frente ao Tamimã. Os moradores esão espalhados pelas faldeas desses montes e vivem em harmonia dada índole pacífica dessas tribus. Existe na parte mais alta do Tamimã uma capela cuja origem pôde se referir ao tempo da catequização desses índios pelos missionários daguyana franceza, quando da dominação desse território pelos francezes. Havia um estrado de madeira á guiza de altar e muitas imagens de diversos santos, porém todos sem as cabeças. Não pude saber a causa disso, mesmo porque os índios não possuem o senso do mysticismo religioso e tudo parece se limitar á méramitação do que se pratica nas ceremonias religiosas. A produção á vila com a de 200 alqueires de farinha de mandioca anualmente e 15 mil laranjas que exporta. Produz ainda o gado: café, algodão, cacáu, cans, favas, macaxeira, cará, mangá, jacu-irás e ananazes; quanto a criações tem galinhas, patos, galinhas, porcos e cinco cabeças de gado com o Manoel Primo. As pastagens do alagado são a canarana, o andreqicá ou serraperna, o amim arroz, o funto e o pariri. No táso ha o pé de galinha, o pacuan, o caim de roça conhecido por



0009201 487 -6-

"cheveux de madame" e o apim marreca; - como se vê, são as pastagens do norte que si não fazem falta. Quanto a madeiras ha em abundancia nas "ilhas" - Nas aguas pescam-se a piranha, o tucunaré, o pirarucú, o baiarrá, o surubi, a pescada, a trahyra e o pacutsu - ou pacú.

Outubro 5 - Tendo terminado essa estatística dirigi-me á escola publica da villa, alojada numa casa construída de madeira, aberta nos flancos, tendo um assoldado e alguns bancos, tudo sob cobertura de palha. No terraco fronteiro limpo elevava-se um mastro e no fim a nossa bandeira mostrava as cores claras no verde profundo da mata que cobria a encosta do Tamin. A professora senhorita Veronica Soares Neal, 27 anos de idade, solteira, disse que a escola data de 1º de Fevereiro de 1934, fundada sob o nome de Escola Isolada Mixta da Villa do Espirito Santo do Curipi. Examinei os livros de matricula e frequencia, constando deles a matricula de 57 alunos tendo atualmente 43, sendo 25 do sexo masculino e 18 do sexo feminino. Existem 8 alunos de 16 aos 18 anos e 4 alunas nas idades de 13 a 16 anos. Os demais estão abaixo desses limites de idade. Todos os alunos matriculados no ano corrente achavam-se presentes, na melhor ordem. Assisti com imenso contentamento ao canto dos nossos Hymnos por toda a classe, eles se exprimindo em nosso idioma. Em seguida chamei os mais adiantados dos tres anos do curso, nas suas respectivas materias e, quer na leitura corrente dos livros como nos exercicios de contas e numeros, verifiquei ser ótimo o aproveitamento do ensino nessa escola do Curipi. Falando á classe dos jovens Caribunas muito atentos, expliquei-lhes que a instrução era o fundamento do nosso progresso e portanto da nossa riqueza. Se quizermos possuir os bens da terra com facilidade não o poderíamos sem a instrução. Concluí-os a se applicarem mais aos estudos e obedecerem á professora e ás autoridades nacionaes, procurando falarem a nossa lingua que era a de sua patria, afim de defende-la melhor quando ella os chamasse á esse dever. A professora é uma moça de boa educação, bem prendada para o meio em que vive, quasi isolada da civilização, em regiao de impaludismo endemico. Está entretanto aclimada, é robusta e tem boa saúde. Apresentei-lhe as minhas despedidas e nesse dia ás 12,45, depois de carregado o nosso batelão, deixei a Villa do Espirito Santo, descendo o Curipi, ás aguas de maré favoravel na preamar.

Por ter, em subida, ocupado do levantamento á bussola, aproveitei a descida para tomar algumas vistas fotograficas do Curipi e mais alguns metros de filmes cinematograficos. A distancia percorrida no Curipi foi aproximadamente de 33 quilometros, até a boca do mesmo no rio Uacá, no ponto do Encruso onde pernottamos pela segunda vez, tendo aí chegado ás 16,20.

RIO UACÁ - STA. MARIA DOS GALIBIS

Outubro 6 - Em maré montante deixamos o Encruso ás 8,25 depois que passou a pororóca com o seu ruído característico. A correnteza auxiliava a nossa marcha sobre as aguas barrentas do rio Uacá que nesse trecho tem uma largura de 90 metros. Margens cobertas de aningas na primeira fila, atraz desta uma vegetação de assahysóicos e tequaraes de mistura com mangaes. O rio alarga-se meia hora adiante em mais de cem metros. A vegetação não muda, mas ás 10,20 estavamos diante da embocadura do rio Urucaú, afluente do Uacá como o seu igual o Curipi, que tinhamos deixado na vespere. Em duas horas de marcha a 15 quilometros por hora, tinhamos subido 470 quilometros no Uacá sem termos encontrado um pouco de barranca ou terra sólida para desembarcar. Afí apareciam então muitos buritisacs ao lado dos outros succimens citados e depois de deixarmos o Urucaú, á nossa direita, eram frequentes as grandes favoreirase araparis. O rio estreita-se meia hora de vis a 70 metros. A agua vai melhorando para raras barrentas. Uma hora depois o rio vai estreitando, estrangulado pelo excesso de canaranas das margens, em mistura com aguas ás; aparecem os tijucos flutuantes, ha trechos tão estreitos que mal permitem passar o batelão. Muitas aves aquáticas, pelas margens os pavõesinhos ou galinhas de fugra as garças morenas as garças brancas, as jaçanas e que são conhecidas aqui por marrequinha e alguns raras patos. Ás 11,35 procuravamos um pedacinho de margem firme para pouso de almoço, encontrando com rara sorte um local na boca de

000921

um igarapé tão coberto que não se suspeitaria de sua existência ali. O
 solo mole, mas não tolava a havia lenha na vizinhança e sua pastagem para
 o nosso pouso. A água também melhora muito, já se podia beber, tão
 limpa aparecia, permitindo nos fazer um excelente café, e beber de gran-
 des favoiras. A nossa marcha tinha concluído 45 quilômetros em média.
 Partindo daí às 12,30, águas claras, não se pressur, porém não para si
 me, as águas não obedecem mais à correnteza e acompanham o fluxo e re-
 fluxo apenas pela elevação ou abaixamento do nível da superfície líquida.
 Navegamos no rio mais largo, menos tijucos, vendo-se algumas aves como
 as caracás, os morgulhões e jacanas. Aparecem as savanas e as margens
 não cobertas de grande árvores, favoiras e araparis, com terras úmidas.
 As barrancas começavam a ter solidez permitindo bons pontos e o sapia
 também se abastecia pelas ribanceiras. O rumo vai de 150º a 160º
 variando pouco no sector de um quadrante na sua orientação geral. Pas-
 sa-se o igarapé Ipoti que deve estar próximo das aldeias dos galibis.
 Depois, os descompados marginaes mostram o dorso do serrito Tipó que
 se estende do Uaçá ao Urucú como uma cortina no horizonte. Em tem-
 pos de inverno, quando as águas pluviais cobrem as savanas, estes hori-
 zontes agore verdosos de canarana se transformam em superfícies líquidas
 agitadas por pequenas maretas nas brizas de nordeste, e o Tipó é visto
 ao longe nesse vasto alagado do Uaçá, como uma cortina azulada. O rio
 vai a 40 metros de largura, passa-se o igarapé Jaburá depois o igarapé
 Tipó. Vamos deixando o monte Tipó à nossa direita; o rio alarga-
 se a 80 metros com muitos jacarés rívoros, mas que não se animam a sta-
 car o nosso batelão. As 17 horas vimos ranchos de índios do rio Urucú,
 os pericurus que costumam vir pescar o pirarucú nessa parte do Uaçá.
 Nós do Cumarú às 17,15 igarapé fragmentado por muitos jacarés
 rio com mais de 80 metros de largura. Depois o igarapé do Galibis e
 às 17,40 avistamos o local que chama o Posto, onde há uma escola pú-
 blica e algumas habitações dos índios galibis. Às 17,55 paravamos nos
 as posto, que tem o nome de Santa Maria dos Galibis, ponto final de nos-
 sa jornada no rio Uaçá. Presumo termos percorrido até aí a distân-
 cia de cem quilômetros na jornada. O batelão foi descarregado e nós
 recolhemos a um alojamento amplo, que serve de escola, onde uma numero-
 sa colônia de "cebas" havia instalado os seus ninhos. Com muito cui-
 dade e paciência armamos as nossas redes, sendo já noite, respitando os
 terríveis insetos alojados ora pela palha do teto ora pelos cantos
 da casa. Havia outros ranchos de índios galibis ao lado, bem como al-
 gumas laranjeiras, cafeeiros, cacauzeiros e outras plantas de cultura.
 O local tem o nome de Santa Maria de Galibis do Rio Uaçá. Nessa noi-
 te chuei uma canoa com dois índios para chamar o major chefe dos gal-
 ibis e sua pessoal que vivem um pouco acima; mais dois emissários para
 avisar o Tenente Narciso e outros elementos da tribo com todos os seus
 adherentes que moravam mais abaixo, no Tapukur. O sorte que pudesse
 reunir todos os galibis no dia seguintes no Pos. Sta. Maria.

Outubro 7 - Iniciou o serviço logo cedo, com o grupo de índios
 do local e dos que chegaram de lá com o Tenente Narciso e o ex-chefe
 Chinola, grupo de marcada preponderância na população galibi. Pelas
 informações que ia tomando rotai estarem os galibis desunidos, efeito de
 providências así tomadas por um ex-funcionário do Estado investido pelo
 Ministério do Trabalho de Inspector de índios de Uaçá. Assim nomeou
 ele, por escrito, outros chefes, destituindo deste posto o que havia
 antes, de nome Chinola. Resultou mudarem-se os partidários deste po-
 sto outro local e organizarem a sua vida à parte. O centro neutro con-
 tinhou ficando em Sta. Maria e os novos chefes subiram o rio para se
 instalarem em outras ilhas. Se todo que assim articulados, os gal-
 ibis não constituem uma gente de ação, podendo dizer-se que estão ao de-
 sempre. Não sendo numerosas a tribo, as terras firmes de Sta. Maria e
 suas ilhas próximas, permitiria a vida à todos eles e aos agriculto-
 res, residindo próximos uns dos outros. Do interrogatório que procedi
 di ouvindo os chefes mais atentos e os que pareciam mais inteligentes,
 apresento o resumo seguinte: Que os galibis são os ótimos de re-
 gião de savanas, ardidos e pacíficos, vivendo feitos e não des-
 jando alterações em sua ao seu modo de vida. natureza das ter-
 ras alagadas circundando os tesos onde eles plan: nas suas roças, são
 forçados a viver separados, pela exiguidade de terra dessas ilhas. A
 terra mesmo assim é bem a pesca abundante no local onde vivem, bastando
 a todos. Que as rios e lagos dão o pirarucú, o tucunaré, o aruanã, o
 aparyr, trakyra, piranhas, jijós, tamarís, surubis, pescadas e outros

0003221480 -8-

que vendem muito o tunucará e o pirarucú, sendo este calculado em cem exemplares que vendem anualmente ou sejam dez mil quilos de mantas salgadas. Ainda há o traçajá em abundância e que a pesca é feita nos rios Uaçá e seus afluentes, bem assim nos lagos Maruani, Tipóu, Jaburá e Galibis. Quanto às terras, plantam a mandioca, cará, batata doce, cana, bananeiras, milho, ananás, laranjas e café. Não há negócios de caracás e farinha porque não há incentivo para maior produção do que a do consumo próprio; também isso é devido a não haver um chefe que os oriente no sentido de maior trabalho e da renda da produção. Tudo ali tem andado em decadência, vivendo eles só da pesca e de uma reduzida plantação para o gasto da família. Achem que o chefe atual não tem jeito para desenvolver as atividades do grupo e por isso muitos galibis vem se retirando do Uaçá para outros "lugos" em terras mais distantes. Que ali uns galibis, como o Maurício e o Alexandre, foram contratados em St. George por um senhor de nome Jorge Hollandez, para trabalhar nos garimpos do rio Marupi e que os índios não quiseram continuar, tendo voltado à St. Maria. Saber que da tribo dos paricúras do rio Uaçará, gente que se encontrava dividida, vivendo muitos na Guayana Francesa, foram sorteados para o serviço militar todos aqueles que lá nasceram e foram registrado cidadão guyanenses. Por isso os paricúras fugiram do território francês para o nosso lado, mas que não veio ninguém a procurar deles por enquanto. Que há muitos anos, quando eram ainda pequenos, seus pais lhes contaram que os portugueses quiseram escravizar a tribo e que quasi todos fugiram para o Caciporé. Depois, sendo contestada a terra, as mães de padres franceses vinham às aldeias ensinar e fazer missa e eles receberam educação desses padres na língua francesa, por isso sabem falar nesse idioma. Que depois, há 35 anos, se soube que a terra era do Brasil, mas o Governo não mandou nenhum recurso nem educadores para eles. Até que, dois anos passados, veio um professor do Estado para ensinar os meninos, um ano apenas e que ele já falhou e espelha todo o inverno. Que conhece dois casos de fuga de moças menores para se prostituírem na Guayana, e que já voltaram à aldeia. Uma delas afirma ter sido negociada com o Jorge Hollandez no Tamok e outra com Ignacio Jacob do Caciporé, o ultimo morador, onde existe um atalho que vai do Uaçá, no percurso de duas horas de marcha, em terra firme. Que os crioulos da Guayana estão trabalhando em garimpos nas cabeceiras do Uaçá, sendo chefiados por Toussain e Tranquille, este ultimo irmão de Chinóis e com negocio em Saint George. Estão trabalhando no Monte Januacá, cabeceiras do Uaçá. Que o Jorge Hollandez foi para o Caciporé com um barco carregado de muitos crioulos, inclusive o comissario de policia do Espirito Santo, Abel Laroque. Que o arabe Mansau já veio procurar índios para os garimpos do Caciporé, mas só quer pagar 3000 o que não compensa o trabalho por isso ninguém quis acompanhá-lo. Que os galibis sabem trabalhar para se desenvolverem, necessitando apenas de chefes. Sua industria de taboas de madeira "louro bordage", estacionou, por falta de compradores. Existem tres serras o serviço é feito à braco e no local da sadeira. Que trabalham no inverno em estarem os campos alagados e ser mais facil o transport das taboas em canoas. Que cada taboa é vendida a tres e quatro mil réis por peça de 4 metros de comprimento e de uma polegada de espessura. Que também fabricam canoas, batelões e montarias, tendo o ano passado sido vendidos dez montarias. Que antes eles tinham um chefe, o capitão Chonois, e que o Senhor Turio Fernandes, delegado do Governo, nomeou outros. Estes, sem iniciativa, não desenvolvem o trabalho, não sabendo falar a língua nacional. Que apareceu ha mezes um padre de Macapá, alemão, para casar e batizar ali, pedindo dez mil réis por pessoa para batizar e quinze mil réis para os casamentos, mas que eles não tinham dinheiro. Por isso o padre batizou gratuitamente, dizendo que ele cobrava pelos sacramentos porque o nosso governo não queria pagar os padres para as missões dos índios, tendo ele recebido muitos presentes mesmo o serviço de remadores para sua condução. Que os galibis tem necessidade sobretudo de ferramentas pregos e maquinas para se desenvolverem terçados, enxadas, rachados, serres, picaretas, polvora, chumbo e espoletas. Que estes objetos custam tão caro que o pouco que produzem não chega para comprá-los. Eis aí o que ouvi de alguns galibis, tendo comprovado qualquer coisa de seus depoimentos por exemplo o que afirmam quanto aos garimpos do Uaçá e Caciporé, e sobre tudo mais, exceto quanto ao Reverendo de Macapá e quanto ao caso das moças que foram negociadas na Guayana, por serem assuntos que somente um inquerito muito demorado poderia esclarecer. Quanto ao que afirmam sobre os chefes, procurei sondar o major Jeanet Alexandre e o

000923040

Tenente Camilo Narciso, ambos exhibiram as suas "Patentes" conferidas pelo ex-funcionário Eurio Fernandes em papel oficial do Ministerio do Trabalho, Serv.do povoamento. Não são esses chefes melhores nem piores do que os demais, são índios por natureza, inteligentes e mesmo capazes de qualquer iniciativa. O que os perturba é a prevenção que ficou existindo dado o aspecto moral da destituição do velho chefe. Não foi de boa politica esse ato de efeitos negativos dada indole dos nosso índios. Admite-se que uma autoridade tome iniciativas sobre os índios e suas atividades, mas conservando as velhas tradições da tribo com seus chefes e seus costumes até que pela educação progressiva, a nova geração tome conta de seus negocios, libertando-se assim da tutela oficial.

Outubro 8 - O professor Lavilla, Sr. Abelardo Botelho do Nascimento, natural do Pará, ha dois anos no cargo de professor da Escola Isolada Mixta de Sta. Maria dos Galibis do Rio Uaupá, informu-me ter si do transtornada a instrução por estarem os índios muito separados, não podendo por isso os meninos frequentarem regularmente as aulas. Estão matriculados 39 alunos, 25 do sexo feminino e 14 do sexo masculino. Tem sete moças e cinco rapazes maiores de dez anos, os demais são menores. A frequencia é precaria pelo fato acima dito. Entretanto nesse dia vi reunido um bom numero de meninos que tinham chegado com os paes. O professor Abelardo reuniu os seus alunos para o canto do Hymno Nacional e hasteamento da Bandeira cerimonia que foi acompanhada com devotamento por toda a nossa tripulação e pela totalidade dos galibis ali convocados, homens, mulheres e meninos.

Outubro 9 - Para complemento do serviço de informações organizei a seguinte estatística da população de galibis vivendo em Sta. Maria e seus arredores.

INDIOS GALIBIS - ESTATISTICA - POR FAMILIAS

1 - Major Jeannete Alexandre	- mulher	- 4 menores
2 - Tenente Camilo Narciso	- mulher	- 4 menores
3 - Julio dos Santos	- mulher	- 1 menor
4 - Antonio Charles	- mulher	- 2 menores
5 - José Manoel	- mulher	- 1 menor
6 - Lucien Charles	- mulher	- 3 menores
7 - Manoel Serenice	- mulher	- 2 menores
8 - Antonio Macia	- mulher	- 4 menores
9 - Amelice Gustavo	- mulher	- 1 menor
10 - Raimundo Maurice	- 2 mulheres	- 2 menores
11 - Velho Fouson	- mulher	- 1 menor 1 moça
12 - José Nunes	- mulher	- 1 menor
13 - Lourenço Nunes	- mulher	- 1 menor
14 - Vitor João	- mulher	- 1 menor
15 - José Felizardo (solteiro)	- mulher (mae)	1 menor irmão
16 - Polydoro Manoel (17 anos)	- mulher-viuva	1 menor
17 - Chinóis - Evaristo Emilio	- mulher	3 menores
18 - Manoel Laureano	- mulher	2 menores
19 - Emilio Joaquim	- mulher	2 menores
20 - Justino Felicio	- mulher	1 menor
21 - Henrique Narciso	- mulher	2 menores
22 - Andreilino Antonio	- mulher	2 menores
23 - Gustavo Hypolito	- mulher	2 menores
24 - Julmiro Hypolito	- mulher	2 menores
25 - Hypole Emilio	- mulher	2 menores
26 - Felicio Antonio	- mulher	- - -
27 - Miguel Archanjo	- mulher	1 menor
28 - Leonel Equeno	- mulher	5 menores
29 - João Gabriel	- mulher	- - -
30 - Emilio Henrique	- mulher	2 menores
31 - Equeno Theodoro	- mulher	1 menor
32 - Malaquias André	- mulher	2 menores
33 - Aurelio Bernardes	- mulher	2 menores
34 - Manoel Tobias	- mulher	1 menor
35 - Henrique Faustino	- mulher	- - -
36 - Martinho Eduardo	- mulher	- - -
37 - Alexandre Narciso	- mulher	4 menores
38 - Felicina Jarret	- mulher	3 menores
39 - Adalberto Emilio	- mulher	1 menor

000924 -10-

- 40 - Raymundo Jeronymo - mulhe. - 1 menores
- 41 - Paulo Francisco - 2 mulheres- 1 menor
- 42 - (Dacé) Denise Bonlanger - 3 mulheres- 3 menores
- 43 - Leonard Massé - mulher - 2 menores
- 44 - Pedro Cainã - mulher - 2 menores
- 45 - Arabé - João Cadet - mulher - 1 menor
- 46 - Civil - Lourenço Nunes - mulher - 1 menor
- 47 - Civil - José dos Santos - mulher - 4 menores
- 48 - Civil - José Nunes - mulher - 1 menor

Total 197 almas

Existem portanto 44 famílias de índios galibis, mais quatro famílias de civilizados com mulheres galibis, perfazendo a população um total de 187 almas. É possível que tenha escapado uma ou outra família vivendo muito retirada, o que daria o total deduzentas almas; isso porém, não se pôde afirmar. A maioria dos galibis ainda pintam um pedaço da cara de rouge uracum, e usam muitos berloques e colares, o que não vi entre os índios caripunas do Curipi. Vestem-se regularmente e não falam a língua nacional, entendi-me com os chefes em francez. Apenas alguns, o d nome Miguel Archanjo, o tenente Camilo Hrciso, e o Julio dos Santos exprimiam-se melhor no nosso idioma. 7 itos deles são meio sangue de francez com mãe galibi, como o Miguel Archanjo. Ha entre eles alguns aventureiros vivendo com mulheres galibis com quem tem filhos, inclusive um arabe de nome João Cadet. É necessario legalisar essas uniões pelo casamento o que lhes fiz ver afin de providenciarem a bem da moralidade do costumes no territorio brasileiro. Não me parece haver inconvenientes nos casamentos de gente de fóra com as índias, quando a união é bem intencionada; mas o que não pôde ser permitida é a comunhão extra legal. Porfim sondei as disposições deles para a defesa do nosso territorio no caso de guerra com o estrangeiro. Encontrei-os reservados quanto ao serviço militar, mas responderam alguns que defenderiam a terra quando fosse preciso, contanto que lhes fossem dados recursos em armas e instruções. A região onde vivem os galibis é muito semeada de ilhas ou lesos e com alguns lagos permanentes e piscosos. Vista pouco do serrote de Tipóc, uma lombada alta coberta de matas virgens, terras boas ainda por aproveitar. As savanas se estendem muito além, alagam nas chuvas de modo a serem navegadas do Uaçá ao Curipi em canoas, as comunicações sendo mais rapidas nessa época.

Outubro 10 - As 7,50 partimos de Sta. Maria, terminada a nossa missão no Uaçá, com destino ao rio Urucaúá, que desagua no medio Uaçá. Em descida fui tomando alguns aspectos fotograficos dessa parte do rio, encontrando, ha uma hora de marcha, um batelão de creoulos que vinham subindo o Uaçá, em pouso numa sombra de araparys. Com eles ia um nacional de nome Felinto Moraes dos Anjos como interprete dos responsaveis que eram os guyanenses Zaron Constantin e Meron Michellis ambos francezes. Pedi-lhes os papeis de autorisação, tendo eles apresentado os seus passaportes, licença do consul brasileiro de Cayena para entrarem em nosso territorio, atestado de saúde, e licença das nossas autoridades do Espírito Santo de Oiapóc, para trabalharem em garimpos em todo o nosso Territorio desde o Araguary até o Oiapóc. Podiam portanto os mesmos subir o Uaçá e escolher nas suas cabeceiras o local que bem lhesconviesses para retirar ouro brasileiro. Apenas não vi com eles um papel onde se especificasse o destino que deviam dar ao ouro brasileiro, onde e por que moeda deveria ser ele vendido preferencialmente ou obrigatoriamente. Esta f era a segunda expedição de creoulos que subia o Uaçá, penetrando nas terras reservadas aos galibis e seus irmãos do Urucaúá e Curipi, podendo perturbar a vida dos nossos índios, já por pedir-lhes a sua farinha, os produtos da suas roças, já por haver possibilidades de desrespeitarem a suas mulheres. No dia em que o alto Uaçá for invadido pelos ceoulos e outros aventureiros teremos a lamentar mais uma calamidade para as tribus que ali vivem. Os ocumentos eram assinados pelo coletor Afonso Gouvêa e pelo Sr. Nestor Soares, respondendo pela coletoria do Espírito Santo. A licença era concedida para habitar a "Guyana Brasileira" do Araguary ao Oiapóc, sic. Mais abaixo encontramos índios paricúras do Urucaúá, pescando nas aguas do Uaçá. Eram muitos e perguntavam se o governo queria agarrá-los para soldados, o que lhes fazia muito medo. Havia ranchos delas com varas cobertos de centenas de mantas de pirarucú salgado á secar. Com o advento dos garimpeiros no Oiapóc todo esse peixe encontra mercado imediato e por preço vantajoso em Demonty.



000925 -11-

Não tivemos vantagens de marcha nesse dia por causa dos camelotes que não permitiam o transito do motor. Acorremos a zingá, tendo atingido às 19 horas o pouso em que tínhamos almoçado na subida.

Outubro 11 - Partimos do pouso no rio Uaçá às 8 horas, em continuação da nossa viagem ao Urucaú, que desagua pela margem esquerda do Uaçá, cerca de 30 quilômetros acima da barra do Curipi. Maré contrariamos subindo à razão de oito quilômetros por hora. As margens do Urucaú apresentam aspecto pouco diferente das do Curipi. Em principio as sahs, buritis e tacuaraes, com uma fileira marginal de aningas; largura 30 metros. Uma hora depois encontramos os "balseiros" flutuando à mercê da maré. Às 10,45 avistavamos o flanco do Tipóc, lombada já conhecida no Uaçá, e que vindo da uele rio chega até a margem direita do Urucaú. As águas iam melhorando e apareciam as ~~sa~~; mesmo aspeto já descrito quanto ao Curipi e Uaçá. Às 11,15, paramos numa brenca firme e coberta de grandes faveiras e saparys margem direita. Almoçamos sob uma sombra hospitaleira, vendo não muito longe a lombada acinzentada do Tipóc. Às 13 horas continuamos a viagem e às 14 horas estávamos frente ao Monte Sous Souris pela margem esquerda. Pela margem direita a montaria do Tipóc, à pouca distancia, apresentava o flanco oeste em ponta de 800 metros de extensão, o terreno do sopé era recortado de lagos secos onde havia numerosos bandos de garças. Campos alagados no inverno e atoladiços nesta época. Às 18,30 paravamos em frente à Montagne Cupi, onde reside um chefe dos paricúras, o capitão Serenice e sede da Escola Publica. Para reconhecimento marchei ainda uma hora rio acima, voltando depois ao porto da Montagne Cupi. Ai providenciei com os indios um acampamento, por ser o terreno brejoso e não poder eu transportar a carga à aldeia, cuja distancia era de 4 quilômetros do porto. Os indios que encontrei no local só podiam entender o francez; pedi lhes me fossem cortar madeira para nossos toldos, dando-lhes fumo de cue muito precisavam. O porto, na margem esquerda, descoberto, dista apenas de uns seis metros de fundo; a terra marginal molhada, coberta de canarana já pisada; tudo mais era atoladiço. Do outro lado do rio existia um coberto de grandes arvores, terra firme, perguntei ao indio se não seria melhor posar ali; o paricúra respondeu vivamente; "Pas bon, mon cheri, vous'n pouvez pas dormir, beaucoup de fourmis, beaucoup, beaucoup". Havia dois ranchos a 200 metros da nossa posição na savana, do nosso lado, perguntei-lhe se não poderíamos ali acampar; respondeu-me "non, mon cheri, pas bon, c'est tout sale, le sol tout mouillé, plein de boue". Resignei-me pois a levantar os toldos nesse local, o que conseguimos já quasi às 19 horas por terem os paricúras trazido os pauz necessarios do Mont Coupi, de 500 metros de distancia. O capitão Serenice já se encontrava ao nosso lado, auxiliando as providencias do café já estava pronto, tendo sido servido em sua amavel companhia. O capitão tem uma fisionomia rude, o rosto meio pintado de rouge, mas possui o dom de atrair pela simpatia que emana de sua expressão cordial e obsequiosa. Perguntei-lhe se tinham os paricúras recebido alguns recursos de nossas autoridades, respondeu-me "Ah, mon cheri, paricúra pas gagné, rien, rien". Perguntei-lhe se creava gado: "Pas gagné du betail". Se tinha frangos e galinhas para vender: "Pas gagné du poulet, mon cheri". O verbo ter na lingua dos indios, transformou-se em ganhar, o que se deve notar sempre que se fala com eles.

Outubro 12 - Nesse dia ocupei-me de serviço de informações e estatística, pois na vespera tinha enviado canoas para chamarem os paricúras e seus chefes com quem desejava me entender. Logo cedo já ai encontravam-se quasi todos os que vivem na região do Urucaú, excepto os pescadores que vi no rio Uaçá, ali reunidos em mais de vinte familias. Isso era um contratempo para o meu recenseamento que já ficaria desfalcado dessa população. Dei inicio ao meu interrogatorio, enfrentando as primeiras dificuldades, por isso que os indios estavam meio assustados e mal informados quanto aos nossos designios. A gente paricúra encontra-se em estado de educação muito atrasada, ainda, com habitos quasi primitivos, usando muito urucum, pouca roupa e não abandonando as suas frachas. Nesse estado moral, pouco se pôde esperar da cooperação deles para qualquer serviço que dependa de principio de responsabilidade. Encontrei-me pois indispostos que responder, mais interessados em perguntar, curiosos do que vinhamos fazer, se mencionavamos pranda, logo maltrata-los. Acalmei-os com sinceridade para inspirar-lhes confiança. Tudo isso expressando em lingua franceza que comprehendem bem, embora

falam em "ergot" peculiar dos creoulos da Guyana. O meu interrogatório consistiu em colher de cada um deles uma relação das coisas de que precisavam, ferramentas para trabalhos, serras para madeiras, roupas, uniformes vistosos para os chefes e sobretudo, que não lhes alterasse o modo de vida, deixando-os em paz onde estão, já acostumados á sua pesca e á sua pequena lavours. Quanto ao serviço militar, sem pensar, tanto se mostraram medrosos.

O Capitão Serenice informou-me sobre os sorteados da Guyana. Tratava-se da família dos Laboneté, que mudou-se daí para o território francez. Moravam lá os paricuras: Alexandre Laboneté com uma mulher e filho; Felice Hypolito com mulher e quatro menores; Alexandre Polyméde e mulher; François Maurice e mulher; Guenisse Bestil e mulher; Eduard Maurice e mulher; Gisse Eduard com mulher e quatro filhos menores; Naderrans Anatole com mulher e dois filhos e Perrice Laboneté com mulher e dois filhos. Essas famílias vivem na Guyana, das suas roças e do produto da pesca, não estando no Urucaúá porque não ha ali recursos suficientes para todos. Está claro que os índios dessas famílias que nascem naquela territorio não são brasileiros, a menos que haja qualquer entendimento com o Governo Francez no sentido de considerá-los taes por estarem sob a tutela do Estado Brasileiro e desse modo com o direito, que assiste aos filhos dos representantes diplomaticos, de conservarem a sua nacionalidade - quando nascidos em territorio estrangeiro.

Ao meio dia apresentaram-se o major Audice, o tenente Guillaume e o "Comisario de Policia" Maximilien, todos ostentando ao peito uma medalha de José Bonifacio do S.P.I. Traziam também as "patentes" dos seus postos, passadas pelo Sr. Eurico Fernandes. O Comisario de Policia, cargo que vi pela primeira vez entre os índios, não falava a nossa lingua, todos se exprimindo em francez. Consegui contudo organizar um recenseamento da população Paricúra.

FAMILIAS PARICURAS COM HABITAÇÃO

1 - Capitão Serenice Yoyó	- mulher	- 7 menores
2 - Major Audice Plot	- 3 mulheres	- 1 velho
3 - Tenente Guillaume Laboneté	- 3	- 3 menores
4 - Ten. Comisario Maximilien M ^{al}	- mulher	- 5 menores
5 - Antonio Pierre	- mulher	- 3 menores
6 - Eduardo Laboneté	- mulher	- 1 menor
7 - Viuva Alenda	- lamoça	- 4 menores
8 - Hypolito Anatole	- mulher	- 1 menor
9 - Felice Poly	- mulher	- 3 menores
10 - Eduardo Toussaint	- mulher	- 3 menores
11 - Pasbien Japaré	- mulher	- - - -
12 - Poliméde Damase Japaré	- - - -	- 2 menores
13 - Camilo Nazareth	- - - -	- - - -
14 - Fernando Japaré	- mulher	- 3 menores
15 - Eugene Narcise	- mulher	- 3 menores
16 - Alido Narcise	- mulher	- 4 menores
17 - Emil Antoine	- mulher	- 2 menores
18 - Leonce Antoine	- mulher	- 2 menores
19 - Asté Antoine	- mulher	- - - -
20 - Henri Damase	- mulher	- 4 menores
21 - Antoine Francois	- mulher	- 2 menores
22 - Annette Lyon	- - - -	- 2 menores
23 - Fini Henri Damase	- mulher	- 3 menores
24 - José Alexandre	- - - -	- 1 menor
25 - Victor	- - - -	- - - -
26 - Jean Baptiste	- mulher	- 2 menores
27 - Maurice Belleville	- mulher	- 2 menores
28 - Eduard	- mulher	- 1 menor
29 - Adolf Maurice	- mulher	- 2 menores
30 - Simplicie Fancile	- mulher	- 2 menores
31 - José	- mulher	- - - -
32 - Affonso	- mulher	- 2 menores
33 - Polyméde Laboneté	- mulher	- 3 menores
34 - Yestay Maurice	- mulher	- - - -
35 - Noel Laboneté	- mulher	- 2 menores
36 - Alfred Dennee	- mulher	- 3 menores

Total 151 almas mais 20 famílias ausentes

000927 - 12

A Escola Mista da Aldeia dos Paricurás do Rio Urucará, instituição com-
genera das do rio Curipi e Uaçá, é uma feliz iniciativa do Governo do
Estado do Pará de data recente 1935, quando Governador o Major Antonio
Barata. Vencendo o percurso de quatro quilômetros do porto, em camin-
hos atoladiços, visitei a escola, na aldeia do Capitão Serenice, às 15
horas, encontrando ali a professora D. Catarina Soares Leal, e uma furia
de arcaicos de ambos os sexos nas suas roupinhas de quarto, tudo pere-
cendo em boa ordem e disciplina. A professora, moça ainda, ali vivia
com uma irmã de menor idade, no alojamento da escola, que também hospe-
dava os meninos cujos pais moravam mais distantes. O Capitão Serenice
não sabia como fazer de 100 centavos por ter a aldeia a honra de
hospedar uma professora, que vinha ensinar os seus filhos e os dos seus
irmãos paricurás. Por isso dizia-me ser o maior benefício prestado de 21
anos paricurás, a criação dessa escola. A frequência da escola é de 21
alunos, 15 do sexo masculino e 6 do sexo feminino, estando matriculados
31 meninos e meninas entre quinze e oito anos de idade. Em virtude de
sua recente fundação ainda não estão bem acostumados os paricurás a man-
dar os filhos para o estudo. Esta a escola situada no extremo Sul do
Monte Coupi, em um alto, onde fica a aldeia mais importante dos paricu-
rás, com o rancho do capitão Serenice e alguns mais de outros moradores.
Aí vi um bom cafezal, muitas plantações, laranjeiras, bananeiras, sigo-
dão e limoeiros. Dizem que esses montes o Coupi e o Sour Suris são de
boas terras e tem muita caça, entre elas o tamandú, caeteté, porcos,
cotias, mutuns, jacutingas, perdizes, jacamins, marrecas, jacús e muita
onça. Que lhes falta espingarda e munição para caçarem e que esperam
ainda que um dia lhes venha esse presente. De tudo tive boa impressão
quanto o bem estar dos paricurás nos seus montes das savanas do Urucará.
Falta-lhes uma orientação de conformidade com o seu modo de vida, um
chefe civilizado que os dirija com certa firmeza, para que possam apro-
veitar melhor a terra e tirar dela maiores recursos. Do que eles temem
é da escravização - desejariam trabalhar, orientados, mas que esse traba-
lho não os extenuasse, não os obrigasse a pesados esforços.

Em síntese, os índios do Uaçá, não estão ainda em condições de
serem utilizados para guardas de nossas fronteiras, exceto nas suas pro-
prias terras. Uma instrução adequada lhes será necessária para que eles
possam futuramente prestar serviços dessa natureza, e esta instrução mili-
tar sendo-lhes dada enquanto frequentarem a escola, podendo-se incluir
os rapazes maiores em boas condições para a instrução de recrutas. Quan-
to a localizar todos os índios num só núcleo acho isso inexequível: 1º
pela natureza da região, cada ilha não comportando um grande número de
habitações e roças. - 2º - pelas incompatibilidades de tribus e conse-
quentes interesses. Quanto à situação atual dos índios do Uaçá, parece,
pelo que acabo de expor, precisarem eles de uma direção oficial do S.P.I.
que procederá visando os interesses da segurança e nacionalização das
nossas fronteiras do Guapó.

O impaludismo é endêmico em toda esta região.

Outubro 13 - Deixei o porto do Monte Coupi às 8,50 descendo o
Urucará com destino a Encruso. Tinha terminado a minha missão nos itens
das instruções recebidas. Aproveitei a descida para tomar filmes dos as-
pectos do rio e às 14 horas entravamos no rio Uaçá, com maré de refluxo,
favorável à nossa marcha. - Mas às 15 horas a maré montou, em forte flu-
xo, devido à data, vespere de lua nova, portanto em sizígia do novilunio.
Das 15 às 17 horas vencendo a correnteza regularmente, mas um quilome-
tro antes do Encruso, a correnteza era tão forte, que além da força do
nosso motor foi necessário empregar todo o pessoal no remo, para vencer
esses mil metros em quarenta minutos. Chegávamos àquela pouso às 17,35
lamentando que o nosso auxiliar Miguel Mendes tivesse aí um acesso fe-
bril de malária que o forçou a recolher-se à sua rede. Encarreguei um
outro tripulante do serviço de cozinha.

Outubro 14 - Partimos do Encruso às 7,15, descendo o Uaçá, na
sua parte mais larga, em maré favorável, tendo chegado à embocadura do
Uaçá na Ponta do Mosquito às 9,45. A maré não permitia atravessar o pro-
montório raso dessa ponta senão de noite do meio dia. Pousamos no mangal
trepados pelas raízes, onde merendamos, acendendo o fogo sobre um tronco
caído. Às 12,30 veio a maré; largamos daí para a frente, sondando a pro-
fundidade que acusava 3, 3 e 3 1/2 pés. Conservamos a sonda de 3 1/2
isso forçando-nos a um regular afastamento da margem, mais de dois mil

metros. A grande taia da fôr. de Oiapó com o fazê estendia-se, á por-
der da vista as margens dessertias. Ás 14,30 já tínhamos rodeado a
Ponta do Mosquito e estávamos em frente á fazend. do Sr. Leal. Paramos
um instante e continuamos a nossa marcha para Demonty onde chegamos ás
16 horas. Respondo de boa maré, prossegui viagem subindo o Oiapó, che-
gando ao porto de S. Raymundo ás 18 horas onde pousei.

Outubro 15 - Chegamos á Clevelandia de volta do nosso serviço
às 19,50.

COMPLEMENTO

As informações seguintes foram tomadas como colaboração, não
sendo o assunto concernente á natureza da missão que recebi para o Uacá

OIAPOC, SÃO RAYMUNDO:

Entrevistado o senhor Jacinto dos Santos, negociante estabele-
cido nesse local, natural de Portugal, estando no Brasil ha muitos anos
viuvo de mulher brasileira, disse: Que é comprador de ouro para o Ban-
co do Brasil, exibindo os seus talões de compra e venda e outros docu-
mentos. Suas compras de ouro são regulares, pagando aos creoulos em
francos quando tem e em moeda nacional. Que os francos de que dispõe
para isso são adquiridos no balcão, da venda de mercadorias do varejo,
todas recebidas do comercio de Belém, portanto nacionais; e que são
compradas pelos guyanenses que lhe pagam em francos, havendo dias que a
sua fêria orça em mais de 900 francos, o que provou exibindo a sua exis-
tência ainda não recolhida de onze tirou 640 francos em papel. Que o volume
de suas compras regula 50 quilos de ouro anualmente, esperando que este
volume tenha a um grande aumento este ano, talvez a mais do dobro. Não
tem garimpeiros ao seu serviço mas faz aviamento, estando atualmente
com oitenta contos empregados nisso. Que os creoulos guyanenses são
homens honestos nos seus tratos, com uma ou outra excepção, não podendo
entretanto garantir-se eles contrabandem o ouro para o territorio fran-
cez. Tendo o ouro da guyana subido a 1p,60 a grama havia compradores
particulares oferecendo 22 francos, devido ás dificuldades de creditos
em cheques para Guyana. Que os creoulos francezes e inglezes são mui-
to nacionalistas, ainda falam muito nas fronteiras do Araguay como in-
tegrando o seu Eldorado, velho sonho dos Guyanenses. São eles muito
obedientes e habituados á disciplina, vistos os castigos severos a que
estão sujeitos os presidiarios de Cayenna, não se negando nunca a rece-
ber a nossa moeda em pagamento pelo ouro que vendem, preferindo ocultar
o ouro quando não a querem receber. Sabe terem ultimamente seguido ou-
rives para preparar no local dos garimpos o ouro das minas em confecções
de joias, berloques, aneis, rosarios de pedações de ouro fundido e outros
adereços proprios a iludirem a vigilância das autoridades fiscaes fran-
cezas e dos compradores brasileiros.

Sugere o Sr. Jacinto uma fiscalização rigorosa da parte das
autoridades brasileiras, o que não existe na fronteira, de modo a evitar
que o nosso ouro possa emigrar para o estrangeiro em tão grandes propor-
ções. Os creoulos sujeitam-se a essa fiscalização pois o seu interesse
único é vender o produto. Que não conviria fechar a fronteira ao tra-
balho do garimpeiro guyanense, por ser este um ex. lente trabalhador, bem
aclimado e conhecendo metodos proprios ao serviço e seu melhor rendimento;
além de serem perseverantes, resignados e conhecedores da região. Os
garimpeiros nacionais, com raras excepções, não suportam as endemias,
sendo logo atacados pelas febres e não tem a mesma habilidade e pacien-
cia. Sabe de casos em que os nacionais abrem um fôssco e ali trabalham
sem fruir resultados abandonando-o; vem o creulo e no mesmo local aban-
donado consegue extrair o ouro desejado. Ouviu dizer pelos creoulos
existir uma estrada de pedagem que vai da Cayenna ao alto Oiapó em ter-
ritorio guyanense dirigindo-se a Camuni, sendo os creoulos muito discre-
tos a respeito disso, nada querendo contar do que se refere ao lado de
lá. Uma vez ouviu entre eles uma conversa onde se tratava de uma mina
nova e de enorme percentagem de ouro, descoberta recentemente na terra
brasileira, fato conservado até agora em segredo, havendo muito miste-
rio nesse negocio, sendo o assunto muito comentado entre eles. Quanto
á legalidade da entrada de guyanenses no nosso territorio, os garimpei-
ros, á razão de 20000 cada uma (documento junto) e que deveriam ser



0009291 -15-

regularmente tiradas em Chaves onde está a Colatoria Federal. Como os garimpeiros não podem ir a Chaves ha o escrivão no R. Santo que cobra as taxas importancia e titulo de emolumentos para a sua manutenção naquelle posto. O commissario de policia tambem exhibe uma licença especial de porte de armas e de habitar o territorio brasileiro occupando-se de garimpos - pela qual é paga a importância de 30000. Que o commissario seguiu para o Caciporé acompanhando um grupo de garimpeiros, pensa que foi em serviço de fiscalização, que já avistou mais de 10 barcos que se destinam a s garimpos do rio Caciporé, os 7 primeiros levaram 270 homens havendo outros em preparo, sendo todos creoulos, brasileiros 66 17. Que houve tempo em que os indios da Uaçá produziam muita farinha tabaco e outras coisas para vender no Olapóe que ele era um dos grandes comaradores, mas que o Sr. Eurico Fernandes investido nesse tempo de delegado dos indios e seu ex-associado da sua casa comercial, prohibiu esse comercio deles, afim de tirar vantagens, monopolizando-o. Assim ele aduaria dos indios as suas mercadorias a preço baixo e as vendias por preço maior. Falou-me tambem o mesmo informante sobre a concessão de terras do Olapóe que alguns interessados estão requerendo afim de sublocarem depois essas terras a preços maiores. Enfim sugeriu ser creado no Olapóe, ao lado de uma fiscalização federal e eficiente da venda de ouro, uma carteira do Banco do Brasil para facilitar o cambio de moedas para Cayenna por meio de cheques emitidos pelos compradores de ouro e compensados em mercadorias brasileira.

Informe Andreilino Costa, brasileiro, 46 anos, casado, comprador de ouro dos garimpos, comerciante estabelecido com uma barraca na boca do Camupi e de passagem em S. Raymundo: Que conhece bem todo o serviço dos garimpos, onde tem trabalhando ha 14 anos na dureza da região, tendo sido atacado constantemente pelas febres. Tem experiencias sabendo que os garimpeiros brasileiros tem pouca resistencia, para esse serviço, o creoulo guyanense resistindo muito mais. Porque o creoulo tem ouro metado de trabalho, alimentando-se muito mais e melhor. Come alimentos mais saudaveis; seus generos consistem de oleo de olivas, leite, manteiga, queijos, bolachas, trigo para o preparo de panekkas, arro farinha d'agua, carne de salmoura e feijão. Combate os resfriados com o congnac e que não poupa dinheiro quando trata-se de sua alimentação. Que o ouro todo das minas não vae para o Banco Brasil porque a fiscalização não existe, acreditando que passa mais de metade do ouro para o le do francez porque a produção é muita e eles precisam de francos, existindo porem pouca moeda francez na fronteira. Que ha caminho bom que vae do Camupi, pelo divisor do Aprouagus, para Cayenna, Assim como sahe ouro do Brasil, tambem sahe ouro das minas francezas em contrabando para ser negociado no Brasil e que ele mesmo tem comprado esse ouro. Havendo um bom serviço de fiscalização, policia e saúde, do governo do nosso paiz, o ouro todo do Brasil não sahiria, havendo p is grandes vantagens para o desenvolvimento da região de fronteiras.

Assim tenho concluido em resumido relato, as ocorrências havidas durante o meu percurso de inspeção pelo rio Uaçá e seus tributarios.

No meu relatório farei menção dos assuntos correspondentes aos objetivos constantes da Ordem de Serviço n. 1, em consequencia do que pu de observar no ambiente das populações d'aquelle vale, apresentando as soluções que acho apropriadas a situação e que penso serem merecedoras de providencias do nosso Governo.

Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1936
Major da Res. de 1.º S. Luiz Thomaz Reis.

Ao Senhor Coronel Inspetor de Fronteiras.



00091411 16



MINISTERIO DA GUERRA
ESTADO MAIOR DO EXERCITO

484

SERVICO DE PROTEÇÃO AOS INDIOS

RIO DE JANEIRO, D. F.

N. 212

Rio de Janeiro, 29 de Setembro de 1939
O Cel. Chefe do S.P.I.
Ao Sr. Major Inspetor do S.P.I. no Estado do Pará

Incluse vos remeto, por interessar ao conhecimento da região
de Oiapóque, a copia de um diario de serviço de Inspecção da 2ª Turma no
vale do rio Uaçá em 1936, acompanhado da planta do levantamento itinerario
correspondente, trabalhos esses efetuados pela Inspecoria Especial de Fron-
teiras.

S. P. I.	
Inspeoria Regional	
Recebido em 29/9/39	de 1939
Protocolado sob o n. 127/39	
Liv. 1	Pag. 6/2

Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca
Vicente de Paulo Teixeira da Fonseca ~~Vicente de Paulo~~
Cel. Chefe do S.P.I.